

## MONTEIRO LOBATO: RACISTA OU RETRATISTA DE SEU TEMPO?

### MONTEIRO LOBATO: RACIST OR PORTRAITIST OF HIS PERIOD OF TIME?

Marília Garcia Boldorini<sup>1</sup>

Taiza Mara Rauen Moraes<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este artigo trata da polêmica causada por conta da alegação de Antônio Gomes da Costa Neto de que determinados livros infantis de Monteiro Lobato incitariam o preconceito racial e, por isso, deveriam permanecer longe das escolas. Aqui se faz a análise de *Caçadas de Pedrinho* e *Histórias de Tia Nastácia*, em que a figura do negro é tratada discursivamente de forma emblemática. Com base em ambas as obras, são analisados excertos e elementos narrativos cujo teor pode ser interpretado como preconceituoso, de maneira a averiguar se estão imbricados ou não a valores circulantes no contexto sociocultural e histórico da época em que os livros foram escritos, interligando-os à biografia de Monteiro Lobato.*

**Palavras-chave:** *Monteiro Lobato; racismo; desigualdade social.*

**Abstract:** *This article is about the controversy caused because of Antônio Gomes da Costa Neto's affirmation. He said that some Monteiro Lobato's books for children stimulate the racial prejudice and, therefore, they should be far from schools. Here there is an analysis of *Caçadas de Pedrinho* e *Histórias de Tia Nastácia*, in which the figure of the black people appear in an emblematic way. Based on them, extracts and elements that may be discriminatory are examined. In addition, there is a research about the social, cultural and historic context of the period when the books were written, connecting it to Lobato's biography.*

**Keywords:** *Monteiro Lobato; racism; social inequality.*

### Introdução

Em 2010 veio à tona no Brasil uma polêmica. Antônio Gomes da Costa Neto, servidor da Secretaria de Educação do Distrito Federal e mestrando da Universidade de Brasília (UnB) na área de relações internacionais, fez uma denúncia à Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial referente à obra *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato. Segundo Costa Neto, o livro teria passagens que incitam o preconceito contra os negros. O caso foi encaminhado em junho ao Conselho Nacional de Educação (CNE), entidade vinculada ao Ministério da Educação (MEC), mas sua alegação já foi aprovada por unanimidade pela Câmara de Educação Básica do CNE. A decisão final ficaria por conta do MEC. No mesmo

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Joinville, SC, Brasil, e-mail: [mariliaboldorini@gmail.com](mailto:mariliaboldorini@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, e coordenadora do Programa Institucional de Incentivo à Leitura (Proler). Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Joinville, Brasil, e-mail: [moraes.taiza@gmail.com](mailto:moraes.taiza@gmail.com)

ano o próprio MEC distribuiu exemplares da publicação a colégios de ensino fundamental pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE).

Tido como o pai da literatura infantil brasileira, José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) começou sua carreira literária abordando problemas sociais e só passou a escrever para crianças em 1921, com o objetivo de que suas obras fossem usadas em sala de aula, tendo em vista que não havia até então uma literatura nacional dedicada aos pequenos. Ainda, conforme Masson, Maia Júnior e Turrer (2010), o escritor esperava com elas despertar o gosto pela leitura e fecundar a imaginação das crianças brasileiras, carentes de histórias típicas de seu país. Daí por diante, os livros do criador do mundo fantástico do Sítio do Pica-Pau Amarelo têm sido adotados nas escolas públicas de todo o Brasil.

Na visão de Eloi Ferreira de Araújo (*apud* MASSON; MAIA JÚNIOR; TURRER, 2010), ministro da Secretaria de Igualdade Racial, o conteúdo de *Caçadas de Pedrinho* é perverso e preconceituoso, afinal fere a autoestima dos negros, embora não chegue a desenvolver comportamentos racistas em seus leitores, sobretudo quando compara Tia Nastácia, personagem negra do sítio, a uma macaca. Por sua vez, Coelho (*apud* MASSON; MAIA JÚNIOR; TURRER, 2010), professora e especialista em autores dedicados ao público infantil, acredita que uma das funções da literatura é explorar a realidade e que se deve levar em conta a história brasileira, baseada em anos de escravidão, fato que não pode ser esquecido pela população. Por isso, cabe aos docentes trabalhar o tema racismo em sala de aula, contextualizando-o.

Assim sendo, as obras de Monteiro Lobato podem ser consideradas de fato racialmente discriminatórias? Além disso, é possível afirmar que suas passagens preconceituosas, na visão de alguns, incitam o racismo na escola e entre seus leitores?

## 1 Metodologia

Neste artigo, serão feitas algumas reflexões a respeito do assunto com base numa pequena amostra contendo apenas duas obras infantis de Monteiro Lobato, nas quais a figura do negro surge de forma mais emblemática, de maneira a trazer à tona discussões e debates concernentes à temática. A fim de alcançar os objetivos propostos ao longo deste estudo, pretende-se analisar *Caçadas de Pedrinho* e *Histórias de Tia Nastácia*. Com base em ambas, serão observados alguns elementos e excertos cujo teor pode parecer preconceituoso em relação à raça negra. Ademais, será desenvolvida uma discussão sobre os valores circulantes

no contexto sociocultural e histórico da época. *Caçadas de Pedrinho*, publicado em 1933, por exemplo, descreve as aventuras das crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo em busca de uma onça-pintada. Já *Histórias de Tia Nastácia*, de 1937, consiste em uma reunião de contos populares narrados pela personagem que dá nome à obra aos moradores do sítio, que comentam as histórias ouvidas.

## 2 Fundamentação teórica

Segundo Faria e Cagneti (2009), até o século XVII não existia uma literatura específica para o universo infantil. Os primeiros livros destinados aos pequenos surgiram somente na primeira metade do século seguinte, porém aqui no Brasil as primeiras publicações são datadas do século XX, e Monteiro Lobato marcou o cenário nacional como produtor e autor.

Portanto, estudar Monteiro Lobato significa dimensionar, avaliar os pactos estabelecidos até os dias de hoje. Seus livros têm às vezes teor cômico, entretanto todos possuem fundo crítico à época contemporânea a eles. Por intermédio de suas obras, o autor procura estabelecer em seus leitores as críticas humoradas que construiu sobre a sociedade brasileira, além da cultura da leitura como fonte de prazer e de uma visão crítica a fatos recorrentes de uma sociedade em tempos de desenvolvimento (FARIA; CAGNETI, 2009).

Em seus trabalhos, procurou combater a linguagem tradicional e acadêmica na literatura, importada da França (LAJOLO, 1981). Dessa maneira, seu radicalismo contra a escrita puramente gramatical colocou-o no mesmo patamar dos artistas seguidores do movimento modernista, vanguarda brasileira iniciada com a Semana de Arte Moderna, em 1922. Esse abasileiramento da linguagem literária compactuava com o seu projeto: instituir uma literatura brasileira genuína, da qual as histórias que se passam no Sítio do Pica-Pau Amarelo fazem parte.

Masson, Maia Júnior e Turrer (2010) discutem o racismo nas obras de Lobato e afirmam que em várias passagens dos livros do escritor é ressaltada a figura do negro, valorizando a contribuição da raça à cultura brasileira, o que pode ser visto em trechos nos quais Pedrinho, Narizinho e Emília, personagens das narrativas infantis lobatianas, exaltam Tia Nastácia e o seu conhecimento popular. Em contrapartida, denigre-se a imagem do negro no momento em que se compara a cozinheira do sítio com animais, como quando Emília a coteja a uma macaca.

Por sua vez, para Lajolo (1998), Lobato confronta a todo instante o mundo da cultura negra, representado por Tia Nastácia e Tio Barnabé, com o mundo da modernidade branca, do qual Dona Benta e as crianças são porta-voz. A estudiosa também garante que a imobilidade ficcional a que estão confinadas ambas as personagens negras do sítio nada mais é do que um retrato da população brasileira dos anos 1930. “O conflito é violento porque ele não era menos violento na vida real [...]. E a literatura, uma das arenas mais sensíveis na encenação deste conflito, representa-o” (LAJOLO, 1998, p. 8).

José Renato Marcondes Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, em Taubaté, interior do estado de São Paulo. Mais tarde, graças a uma bengala que herdou do pai gravada com as iniciais J.B.M.L., alterou seu próprio nome para José Bento Monteiro Lobato (LOBATO, 2005). Aos 18 anos entrou para a Faculdade de Direito em São Paulo, em virtude da imposição desse mesmo avô. Na mesma época Lobato já havia fundado vários jornais e escrito algumas publicações, bem como criado inúmeras ilustrações, sempre oculto por um pseudônimo (LOBATO, 2005).

Intelectual, Lobato vinha de uma família de posses. Logo, pertencia à elite paulista, entretanto preocupava-se com o povo (PERROTTI, 1982). Ele recebeu a educação clássica da época; iniciou sua alfabetização com sua mãe e, mais tarde, foi para colégios católicos, um deles visto então como moderno, pois era misto e contava com novos métodos de ensino (CAVALHEIRO, 1956 *apud* VASCONCELLOS, 1982).

Em 1904, diplomou-se Bacharel em Direito, sendo nomeado três anos depois promotor em Areias (SP). Casou-se no ano seguinte e teve quatro filhos. Com o falecimento de seu avô, o Visconde de Tremembé, Lobato, aos 29 anos, herdou a fazenda de Buquira, tornando-se assim fazendeiro. Ali começou a ter inspiração para suas futuras obras literárias (VASCONCELLOS, 1982) e descobriu um pica-pau de cabeça amarela. “Essa parte de sua vida [...] acabou sendo da maior importância por causa do Jeca Tatu e do sítio. Porque o Jeca Tatu foi real. Não foi uma imaginação de [...] Lobato. Assim também os personagens do sítio” (MONTEIRO LOBATO..., 1982).

Em 1914, cansado de sofrer constantes queimadas em sua lavoura provocadas pelos caboclos da região, Vasconcellos (1982) conta que Monteiro Lobato escreveu *Velha praga*. Trata-se de um desabafo sob a óptica de empresário lesado enviado à seção “Queixas e reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ao notar o valor daquela correspondência, o periódico publicou-a fora da seção destinada aos leitores. A tal indignação causou polêmica e fez com que o fazendeiro escrevesse outros artigos, dando vida a Jeca Tatu.

A personagem é o estereótipo do caboclo caipira do interior, ingênuo e simples. Preguiçoso, Jeca Tatu diferia totalmente dos caipiras e índios até então idealizados pela literatura nacional. Ele era símbolo do atraso e da miséria, uma metáfora da retrógrada zona rural brasileira, o que resultou em muita polêmica. Para Vasconcellos (1982), Lobato julgou-o ignorante e avesso a qualquer progresso, contrastando com o herói sertanejo celebrado pela literatura regionalista romântica brasileira.

A mesma estudiosa afirma que o confronto de Lobato com o caboclo marcou o nascimento de duas tendências de suas obras: o interesse pela realidade da sociedade do nosso país, com destaque ao homem do interior e aos seus problemas, e o combate à retórica ufanista, mostrada como um elemento que ocultaria o desconhecimento que o brasileiro influente teria das coisas nacionais.

Em 1918, com a compra da *Revista do Brasil*, o futuro criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo passou a editar seus livros para adultos. Até então os livros daqui eram impressos em Portugal. Foi Lobato quem principiou no país o movimento editorial. A primeira editora nacional também teve início com ele; era a Monteiro Lobato & Cia., que se tornou posteriormente a Companhia Editora Nacional, sem sua participação. Além de escritor, Lobato também fez importantes traduções e editou livros inéditos, em geral brasileiros, embora tenha ficado de fato conhecido por seu conjunto de livros infantis, que constitui cerca de metade de sua produção literária. À produção lobatiana pertencem ainda contos, artigos, críticas, crônicas, prefácios, cartas, um livro sobre a relevância do petróleo e do ferro e um único romance (VASCONCELLOS, 1982).

Monteiro Lobato, influenciado pelo pensamento naturalista circulante no início do século XX, defendia a eugenia<sup>3</sup>, pois segundo ele a miscigenação prejudicava o povo. Segundo Vasconcellos (1982), ele até mesmo escreveu um romance chamado *O presidente negro*, em que descreve um conflito racial provocado pela eleição de um negro à presidência norte-americana.

Depois de uma longa temporada nos Estados Unidos, em 1931 Lobato voltou ao Brasil com uma ideia fixa: a exploração do petróleo no país era a solução para suprir as necessidades do povo brasileiro. Contudo havia interesse oficial em se dizer que aqui não havia petróleo. Em função dessa briga, Vasconcellos (1982) explica que o escritor ficou pobre, doente e

---

<sup>3</sup> O pesquisador britânico Francis Galton (1822-1911) apropriou-se das descobertas do naturalista Darwin sobre a teoria evolucionista para desenvolver uma nova ciência, a eugenia. Seus objetivos eram aperfeiçoar a espécie humana por meio de casamentos entre aqueles “bem-dotados biologicamente” e desenvolver programas educacionais para a reprodução consciente de casais saudáveis (DIWAN, 2007).

desgostoso, tendo sido preso por um tempo por causa disso. Em virtude de problemas de saúde, a teórica ainda relata que José Bento Monteiro Lobato faleceu no dia 4 de julho de 1948, mas até hoje é considerado pela crítica um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX. O autor, anticonvencional por natureza, sempre dizia o que pensava e defendia sua verdade a todo custo, apesar das consequências.

Lobato na década de 1920 passou a escrever para crianças, e sua obra de estreia foi *A menina do narizinho arrebitado*, um sucesso editorial. Graças a ela, o autor continuou sua criação com *Fábulas de Narizinho* (1921), *O saci* (1921), *O Marquês de Rabicó* (1922), *A caçada da onça* (1924), *O noivado de Narizinho* (1924), *Jeca Tatuzinho* (1924) e *O garimpeiro do Rio das Garças* (1924). Mais tarde, as obras citadas foram revistas e tornaram-se uma única: *Reinações de Narizinho* (1931).

Uma das premissas dos seus livros infantis, de acordo com Vasconcellos (1982), é a valorização da cultura nacional. Logo, aparecem em todos os seus trabalhos para crianças elementos ligados ao costume da roça e lendas do folclore brasileiro. Suas personagens são também tipicamente do nosso país e, nas aventuras narradas, têm a oportunidade de se misturar com aquelas da literatura universal, da mitologia grega, dos quadrinhos e do cinema.

A maioria das histórias passa-se no fantástico mundo do Sítio do Pica-Pau Amarelo, localizado no interior do Brasil e pertencente à Dona Benta, uma senhora que cuida da fazenda com a ajuda de sua fiel cozinheira, Tia Nastácia. É avó de Narizinho, que vive com ela, e de Pedrinho, que aproveita suas férias escolares no sítio. Ademais, há algumas entidades inventadas pela imaginação das crianças. Trata-se do caso da boneca de pano Emília (portavoz das ideias lobatianas), do sabugo de milho Visconde de Sabugosa, da vaca Mocha, do burro falante Conselheiro, do porco Rabicó e do rinoceronte Quindim (VASCONCELLOS, 1982).

Em tais obras percebe-se a influência de autores de obras infantis universais, como Esopo (620-560 a.C.), Jean de La Fontaine (1621-1695), Hans Christian Andersen (1805-1875), Carlo Collodi (1826-1890) e Lewis Carroll (1832-1898) – clássicos folcloristas –, e de desenhos animados feitos para o cinema, como o marinheiro Popeye e Gato Félix (MONTEIRO LOBATO, 2011).

Vasconcellos (1982, p. 19) garante que “as circunstâncias em que a obra infantil de Lobato foi escrita deixam claro que ela não pode ser entendida dissociadamente das posições e problemas que ele se colocava”. Suas principais obras literárias começaram a ser escritas em 1931, mesmo ano em que despertou para a luta pelo petróleo. Seus livros, até essa fase, são

vistos como mais lúdicos e menos engajados, ao contrário do que ocorre com *O poço do Visconde*, de 1934 – um verdadeiro tratado literário pela causa petrolífera.

Com seus trabalhos infantis, Lobato pretendia formar cidadãos críticos em relação ao amanhã contando-lhes toda a verdade sobre o mundo e especialmente os problemas enfrentados pelo Brasil. Ele tinha real preocupação com o realismo e o didatismo e queria

tornar a criança capaz de entendê-los, [...] passar o poder do conhecimento para a criança e [...] despertar nela a capacidade de julgamento independente. [...] Nos livros infantis de Lobato vemos, talvez até melhor do que nos destinados a adultos, o seu pensamento social, econômico, político e científico-filosófico e a representação que ele se fazia da sociedade brasileira, bem como as relações que esse pensamento mantinha com as teorias e discursos em circulação na época (VASCONCELLOS, 1982, p. 21).

Todos os livros infantis lobatianos são enquadrados em uma visão didática, afinal procuram ensinar as crianças inculcando nelas valores e concepções. Contudo tal didatismo não se restringe apenas à transmissão de conhecimento, com vistas à formação do raciocínio e do julgamento, mas também leva em conta a educação da imaginação, ou seja, a constituição do raciocínio crítico. Veem-se a seguir as obras de Monteiro Lobato para crianças, por ordem cronológica: *O saci* (1921); *Fábulas* (1922); *As aventuras de Hans Staden* (1927); *Peter Pan* (1930); *Reinações de Narizinho* (1931); *Viagem ao céu* (1932); *Caçadas de Pedrinho* (1933); *História do mundo para as crianças* (1933); *Emília no país da gramática* (1934); *Aritmética da Emília* (1935); *Geografia de Dona Benta* (1935); *História das invenções* (1935); *Dom Quixote das crianças* (1936); *Memórias da Emília* (1936); *Serões de Dona Benta* (1937); *O poço do Visconde* (1937); *Histórias de Tia Nastácia* (1937); *O Pica-Pau Amarelo* (1939); *O Minotauro* (1939); *A reforma da natureza* (1941); *A chave do tamanho* (1942); *Os 12 trabalhos de Hércules* (1944); e *Histórias diversas* (1947).

### 2.1 Contexto histórico e sociocultural

Acredita-se que é muito importante avaliar o contexto social-cultural e histórico que envolve as obras analisadas no presente estudo, assim como verificar quais foram os acontecimentos pertinentes à época, tendo em vista que a literatura é reflexo da sociedade em que está envolvida. Assim, é possível inferir como era o mundo e, sobretudo, o Brasil no início do século XX, quando se principiou o trabalho literário de Monteiro Lobato destinado

às crianças. Com isso, pode-se fazer um comparativo entre os livros e a sociedade daquele tempo, marcada pela disseminação da teoria evolucionista, de Charles Darwin (1871-1974).

Segundo Vasconcellos (1982), a teoria evolucionista foi importada do continente europeu na última metade do século XIX. Mesmo assim, influenciou por longo tempo a formação dos intelectuais brasileiros do século seguinte, entre eles Monteiro Lobato. Schwarcz (2000 *apud* CHAVES, 2003) confirma que, na época, grande parte da intelectualidade brasileira discutia e compreendia questões nacionais tendo em vista a óptica racial e individual. Concomitantemente ocorriam pelo país debates a respeito da abolição da escravatura.

A concepção de evolução das espécies na Europa estava bastante ligada à racionalização e ao progresso, ambos interesses burgueses. Também se associava tal ponto de vista ao capitalismo, ou seja, à luta pela vida e à sobrevivência do mais forte, questões cabíveis, de acordo com Chaves (2003), num continente em constante desenvolvimento econômico e tecnológico, porém a teoria apregoava ideias de desigualdade das raças. No Velho Mundo, esse pensamento era uma tentativa de explicar a decadência da civilização, afinal na época a aristocracia – descendente das raças superiores –, bem como seus valores, caiu para uma burguesia sem raízes na elite. Apenas mais tarde se explicaria com o evolucionismo não a decadência, mas a superioridade da civilização europeia (branca), o que justificaria o domínio europeu sobre os países menos desenvolvidos.

Conforme Chaves (2003), o filósofo e liberalista Herbert Spencer (1820-1903), em consonância com a teoria evolucionista, categorizou os povos como superiores e inferiores. Os primeiros eram formados por europeus, enquanto os segundos, por indianos e indígenas. Para Spencer, as sociedades classificavam-se como industrial – civilizada e mais evoluída – e primitiva, em função da incapacidade de seus membros de modificar artificialmente as condições de existência. Assim, no processo de evolução social, havia a luta pela supremacia entre os povos. A disputa estabelecia, de forma natural, a superioridade do mais forte e a consequente subordinação do mais fraco.

Influenciado por Spencer, Charles Darwin desenvolveu um discurso ficcional que viabilizou a circulação de teorias evolucionistas que demarcaram na época noções de superioridade cultural e racial. Vasconcellos (1982) lembra que tais ideias vieram ao Brasil somente por volta de 1870, e nosso país enfrentava no momento o sistema escravagista; os negros que aqui viviam estavam nas mãos dos grandes senhores agrários.

Ainda segundo Vasconcellos (1982), o evolucionismo pregou tanto a possibilidade de desenvolvimento do país quanto foi uma das explicações para o seu avanço de modo não desejado. Portanto, a população pobre, composta quase que exclusivamente por pessoas das “raças inferiores” ou mestiças, serviu tal qual uma justificativa para os grandes problemas brasileiros.

O crítico literário Sílvio Romero (1851-1914), por sua vez, acreditava na regeneração nacional por meio da elevação das raças inferiores mediante sua mistura com o branco. Ele queria, antes do domínio das classes superiores, a confraternização entre as raças e a assimilação e o reconhecimento das contribuições populares à nossa cultura – este último Lobato fez questão de destacar em toda a sua obra.

Outra explicação para o atraso do país era a má qualidade do povo, contudo esses pontos foram difundidos por uma classe que sentia necessidade de se firmar na sociedade. Tanto é que eles continuaram sendo levados em conta mesmo após o abandono das concepções que atribuíam a desigualdade racial a fatores biológicos, passando a ser compreendida em virtude de características psicológicas ou das condições históricas sofridas pela raça negra – “condições irredutíveis, pois e sempre ligadas, embora indiretamente, à formação racial da população brasileira” (VASCONCELLOS, 1982, p. 109).

Monteiro Lobato, em seus livros, julgava os negros, representados por Tia Nastácia e Tio Barnabé, uma raça inferior, entretanto não por conta da cor de sua pele, mas sim por sua mentalidade conservadora, causada pela falta de estudos e de melhores circunstâncias de vida. O escritor apresenta o povo tal qual vítima de um sistema regido pelas classes dominantes brasileiras, estas responsáveis pelo atraso do nosso país. “Os males do povo viriam da miséria e do abandono a que o relegariam as classes dominantes inconscientes... Da falta de instrução, que o deixaria entregue de mãos atadas à influência da Igreja” (VASCONCELLOS, 1982, p. 112).

Lobato criticou o grupo modernista paulista articulador da Semana de Arte Moderna, em 1922, posicionando-se contrário à ideia da apropriação de valores vanguardistas europeus. O modernismo para ele consistia na importação maciça de ideologias não adequadas à realidade brasileira, em função da influência do naturalismo, base da arte acadêmica brasileira.

Segundo Diniz (1998), Lobato não participou do movimento modernista porque estava preocupado com os negócios de sua editora e com os problemas sociais do país, ignorando a discussão estética e o experimentalismo propostos pelos primeiros modernistas. Ele queria

denunciar as injustiças e tentar mudar a mentalidade retrógrada de muitos brasileiros, utilizando um modo de narrar e uma estrutura acessíveis ao leitor médio. A estudiosa ainda compara Monteiro Lobato a Mário de Andrade (1893-1945):

Tanto Mário de Andrade quanto Monteiro Lobato se mostram, portanto, na vanguarda [...] enquanto mantêm uma consciência histórica do futuro e a vontade de estar à frente de seu tempo. Mas com uma diferença: se Mário persegue a vanguarda estética, Lobato luta pela vanguarda política. Trata-se, em suma, do problema da função da literatura na sociedade, um foco de tensões que se encontra no interior do círculo literário e que é decorrente de divergências na concepção do que seja a literatura e seus limites (DINIZ, 1998, p. 5).

Apesar disso, como editor, defendeu escritores modernistas e, mesmo em seus trabalhos, adotou algumas características de linguagem oriundas do modernismo: o abrasileiramento, a popularização, a libertação das normas gramaticais asfixiantes, o uso de gírias e de neologismos, a livre criação de palavras e modos de dizer, a oralidade espontânea e a irreverência iconoclasta (VASCONCELLOS, 1982).

Enquanto isso, as camadas populares da população estavam cansadas de sofrer constantes abusos dos governos, que não lhes proporcionavam efetivas políticas sociais nem davam atenção aos setores sociais emergentes. Por sua vez, a oligarquia, para Vasconcellos (1982), preferia continuar com um regime econômico agroexportador, apesar da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, o que causou problemas por todo o mundo. Assim, não era possível manter uma posição homogênea diante de uma economia incerta e oscilante.

Logo, conforme Sousa (2011), a crise da elite oligárquica foi um ponto crucial para a Revolução de 1930. Sendo apoiado pelo então presidente paulista Washington Luís (1869-1957), o também paulista Júlio Prestes (1882-1946) defendeu o rompimento do arranjo da Política do Café com Leite, vigente na época. Em tal sistemática, ficava acordado que a presidência do país alternaria entre latifundiários mineiros e paulistas, o que não haveria de acontecer novamente.

Não satisfeitos com a medida, grupos oligárquicos derivados de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba criaram uma chapa eleitoral contra a candidatura de Prestes, chamada de Aliança Liberal, encabeçada pelo político que viria a ser o futuro presidente brasileiro, Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954).

Embora o clima fosse de tensão, Prestes saiu vitorioso, no entanto, com o assassinato do liberal João Pessoa (1878-1930), o movimento de Vargas articulou a derrubada do governo

com o auxílio de setores militares. Chegando ao Rio de Janeiro após controlar focos de resistência espalhados pelo Brasil, Vargas e seus aliados iniciaram os 15 ininterruptos anos no poder, denominado historicamente de Era Vargas.

Sendo contrário à nova política, de acordo com Sousa (2011), Lobato enfrentou muitos problemas em decorrência das ideias do governo getulista, sobretudo por conta da luta pelo petróleo brasileiro, tendo sido até mesmo preso em função disso. Pode-se perceber que as obras escritas por ele durante esse período são carregadas de pessimismo, tradução de um conflito ideológico ante as políticas vigentes que o escritor de fato sentia quanto à realidade vivenciada por ele no país.

### **3 Análise**

A metodologia aplicada no presente artigo para averiguar se determinadas passagens dos livros examinados aqui, quais são, *Caçadas de Pedrinho* e *Histórias de Tia Nastácia*, podem ou não incitar o preconceito racial foi a descritiva. Ou seja, quis-se registrar e analisar passagens de mais significância nas obras escolhidas, de maneira a avaliar se o racismo está embutido, ou não, na literatura infantil lobatiana.

*Caçadas de Pedrinho* foi escrito por Monteiro Lobato em 1933 e narra uma caçada liderada por Pedrinho à onça-pintada que se escondia na mata próxima ao Sítio do Pica-Pau Amarelo. O menino, na companhia de Narizinho, Emília, Rabicó e do Visconde de Sabugosa, vai atrás das pegadas do animal, mas acaba arranando a maior confusão com os outros bichos silvestres moradores do Capoeirão dos Taquaraçus. Na obra aparecem duas novas personagens: a garota Cléo e um rinoceronte fugido de um circo que passava pelas redondezas, em outras obras denominado Quindim.

Um dos sinônimos que surgem no livro para Tia Nastácia durante a narrativa é *negra*, da mesma forma como a mulher é chamada de *velha*, *preta*, *pobre criatura*, *pobre negra*, *boa negra* e *pretura*. Não se pode caracterizar racismo por isso, afinal Lobato recorreu a diversas palavras/expressões para se referir à cozinheira. Vê-se o caso em: “A pobre negra era ainda mais desajeitada do que Rabicó e Dona Benta somados” (LOBATO, 2009, p. 33). O escritor também utilizou tal recurso para se referir às demais personagens da narrativa; há um trecho em que se dirige à Dona Benta como “uma velha branca” (LOBATO, 2009, p. 39).

Descobrimos que os animais planejavam uma guerra contra os moradores do sítio a fim de vingarem-se pela morte da onça-pintada, Emília conta a seus amigos que dessa guerra

“não vai escapar ninguém – nem Tia Nastácia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goelas para devorar todos os bípedes do sítio, exceto os de pena” (LOBATO, 2009, p. 26). Nesse trecho, nota-se apenas que a boneca de pano quis dar ênfase ao fato de os bichos quererem todos os bípedes dali, sendo eles diferentes ou não. Como Tia Nastácia é a única diferente do grupo, por ser negra, foi a personagem lembrada por Emília.

O trecho de *Caçadas de Pedrinho* mais empregado como argumento para a proibição da obra nas escolas consiste num em que ocorre a comparação entre Tia Nastácia e uma macaca: “Sim, era o único jeito – e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo mastro de São Pedro acima” (LOBATO, 2009, p. 39).

Porém, em um episódio anterior, Lobato faz a mesma relação, entretanto com as outras personagens da narrativa. Vendo a onça aproximar-se, para salvar sua pele, Emília, Narizinho, Pedrinho, Rabicó e o Visconde de Sabugosa decidem subir nas árvores ao redor: “Foi uma debandada. Cada qual tratou de si e, como se houvessem virado macacos, todos procuraram a salvação nas árvores” (LOBATO, 2009, p. 16). O menino, depois de atacar a onça nos olhos com pólvora, observa que todos estão salvos e diz: “– É hora! Avança, macacada! – gritou Pedrinho escorregando pela árvore abaixo” (LOBATO, 2009, p. 17).

Logo, conclui-se que o cotejamento foi feito em virtude da principal característica do macaco, viver em galhos, e não ao fato de o animal consistir em um ser anterior ao homem em termos de evolução, como acredita a corrente evolucionista de que Lobato era adepto, ou mesmo por conta de sua cor.

Muitas vezes as crianças referem-se à Tia Nastácia de maneira carinhosa: “Ela desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha” (LAJOLO, 1998, p. 1). Ou seja, a senhora recebe o mesmo tratamento dado à Dona Benta, avó de Pedrinho e Narizinho. Confirma-se essa situação, por exemplo, no trecho em que Pedrinho, preocupado com a guerra proposta pelos animais contra os habitantes do sítio, garante: “– Temos que achar qualquer coisa. Temos que resolver. O caso é dos mais sérios. Nossas vidas correm perigo, bem como as vidas de vovó e Tia Nastácia” (LOBATO, 2009, p. 27).

De qualquer modo, segundo a reportagem da revista *Bravo!*,

as eventuais alusões racistas a personagens como a Tia Nastácia não tiram o prazer da leitura e talvez constituam até um bom tema de discussão em aula. No caso específico da Tia Nastácia, é possível fazer até a leitura contrária, dado que a personagem é sempre apresentada de forma bastante positiva ao longo da obra de Lobato (NIGRI, 2011).

O livro contém também uma menção à escravidão dos negros, vivenciada pelo Brasil por longos e sofridos anos, de 1530 a 1888 – Lobato presenciou ainda seis anos desse regime. Tia Nastácia, sempre que se dirige à Dona Benta, chama-a de *sinhá*, palavra empregada pelos negros aos seus senhores no período anterior e mesmo posterior à abolição da escravatura, em razão do costume enraizado por eles: “– Qual nada, Sinhá! – insistiu a negra. – Onde já se viu onça andar em bando a atacar casa de gente?” (LOBATO, 2009, p. 35).

Pelas passagens da obra em exame, pode-se afirmar que Tia Nastácia é a figura religiosa entre as personagens da história: “E Tia Nastácia? Essa ficou embaixo rezando e riscando a cara e o peito de trêmulos pelos-sinais” (LOBATO, 2009, p. 39). Logo, vê-se que uma das características do povo consiste na religiosidade.

Após resolverem a confusão com os bichos da mata e ficarem amigas do rinoceronte recém-chegado ao sítio, as crianças passavam os dias a brincar com o animal. Dona Benta e Tia Nastácia, medrosas como eram, em compensação nem saíam de casa:

Um dia Tia Nastácia não resistiu. Foi para o terreiro ver de perto a brincadeira. Quando virou o rosto, viu Dona Benta que vinha vindo. Dona Benta também não resistira à tentação.  
Os meninos fizeram-lhes uma grande festa.  
– Ora graças que se estão civilizando! – berrou Narizinho. – Viva vovó!  
Viva Tia Nastácia! (LOBATO, 2009, p. 67).

Ao perder o medo, Dona Benta decidiu subir no carrinho puxado pelo paquiderme. No meio da diversão, a senhora teve de abandonar a brincadeira para atender o dono do circo de onde o rinoceronte havia fugido, que viera reclamar sua atração com o seu advogado. Solucionado o problema, a fim de voltar para seu lugar no carrinho, a dona do sítio surpreende-se com a cena que vê: “Tia Nastácia já estava escarrapachada dentro dele. – Tenha paciência – dizia a boa criatura. – Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá...” (LOBATO, 2009, p. 71).

Nota-se com essa passagem que a própria Tia Nastácia brinca com o fato de ser negra, demonstrando que não se importa com o fato de ser chamada de preta ou negra, pois sabe que não a denominam assim para ofendê-la.

Já *Histórias de Tia Nastácia* é um livro escrito em 1937 que reúne contos, anedotas, superstições, sabedoria popular etc. oriundos do folclore, coisas que o povo sabe e transmite contando de um para o outro. Pedrinho pede a Tia Nastácia que fale tudo o que sabe sobre folclore. Logo, a cozinheira do sítio narra várias historinhas do folclore brasileiro. Dona Benta

complementa-a, relatando histórias de outros países, como Rússia, Pérsia, entre outros. Vasconcellos (1982) garante que a obra possui valor documental, pois é construída com a finalidade de mostrar os produtos da mentalidade popular, e a vemos como fonte de aprendizagem.

Tia Nastácia tem importância fundamental na obra infantil lobatiana, afinal de suas mãos surgiu a boneca de pano Emília, considerada porta-voz das ideias de Monteiro Lobato. Segundo uma entrevista dada ao jornalista Silveira Peixoto, a personagem foi inspirada em Anastácia, cozinheira da casa da família de Lobato e babá de seu filho Edgar. Para o autor, sua personagem era igual a mulher: muito preta, boa, resmungona e hábil cozinheira. Ela é o estereótipo da empregada das antigas casas de fazenda. Negra, solícita, de baixa instrução e solteira, era vista como um membro da família. Sua figura serve como um retrato do então momento histórico brasileiro; havia convivência racial pacífica e harmônica apenas pela subordinação hierárquica.

Na história, tem-se Tia Nastácia como o oposto de Dona Benta. Enquanto esta tem formação cultural europeia e fala aos netos a respeito de Hans Staden e mitologia grega, aquela dá o ar de brasilidade à obra, apresentando às crianças contos do folclore nacional. Vê-se a empregada tal qual a representante da sabedoria popular (TIA NASTÁCIA, 2011). Afirma Pedrinho, ao descobrir o significado de folclore: “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para outro ela deve saber” (LOBATO, 2005, p. 7). Emília concorda com o menino:

– Não está má a idéia, não, Pedrinho! Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe.

– As negras velhas – disse Pedrinho – são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi escrava de meu avô (LOBATO, 2005, p. 7).

As falas das personagens indicam bom convívio entre Tia Nastácia, Dona Benta e as crianças; não há distinção por a cozinheira ser empregada do lugar, ou da raça negra. Os diálogos, portanto, expõem a relação de afeto e de cumplicidade entre as personagens, inclusive com a boneca de pano Emília, personificada nas narrativas lobatianas.

No capítulo “A princesa ladrona”, na história a empregada da princesa é chamada apenas de preta ou de negra; em nenhum momento se menciona seu nome. Apesar disso, a mulher parece ter uma relação bastante íntima com a protagonista da narrativa, pois dá sua opinião em várias questões, com a qual a princesa concorda. Ao fim desse capítulo, Emília

demonstra seu descontentamento em relação às histórias do folclore brasileiro contadas por Tia Nastácia comparando-as com a criada do sítio:

Pois cá comigo – disse Emília – só aturo essas histórias como estudos da ignorância e da burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto...” (LOBATO, 2005, p. 18-19).

Ao apresentar suas histórias,

Tia Nastácia transfere para o lugar de contadora de histórias a inferioridade sociocultural da posição [...] que ocupa no grupo e [...], por contar histórias que vêm da tradição oral, não desempenha função de mediadora da cultura escrita, ficando sua posição subalterna à de seus ouvintes, consumidores exigentes da cultura escrita (LAJOLO, 1998, p. 2).

Na maioria das lendas folclóricas de Tia Nastácia há a presença dos empregados do reino/da família rica, protagonista da história, e todos eles são descritos como negros e/ou pretos, sem ser citados seus nomes. Aqui se pode associar tal fato aos anos de escravidão por que o Brasil passou. Embora atualmente não seja uma ideia que agrade a grande maioria da população, faz-se impensável esquecer uma parte tão importante de nossa história.

Por sua vez, depois de narrada “O cágado na festa do céu”, Dona Benta conclui que a lenda deve ser criação dos índios. Diz a senhora: “Os povos selvagens inventam coisas para explicar certas particularidades dos animais” (LOBATO, 2005, p. 47), e Narizinho emenda: “– Pobres índios! [...] Se as histórias deles são todas como essa, só mostram muita ingenuidade. Acho que os negros valem mais que os índios em matéria de histórias. Vá, Nastácia, conte uma história inventada pelos negros” (LOBATO, 2005, p. 47).

Uma questão similar aparece em “A história dos macacos”. Dona Benta narra que, no começo do mundo, os macacos moravam com os homens nas cidades. Eles falavam, contudo não trabalhavam. Depois de judiarem do velho chefe da tribo, os animais como vingança sofreram nas mãos dos homens, até perderem a língua e não poderem mais falar para sempre.

Narizinho acredita que a história é “bem bobinha” (LOBATO, 2005, p. 71), ao passo que a velha senhora garante que não se pode esperar muito dos pobres negros do Congo, de onde veio a historietta, já que se trata de um povo sem instrução. Pedrinho esclarece: “[O Congo] é quase no centro da África [...]. E sei também que cá para o Brasil vieram muitos escravos desses Congos” (LOBATO, 2005, p. 71). Dona Benta continua: “É verdade. O pobre

Congo foi uma das zonas que forneceram mais escravos para a América, de modo que muitas histórias dos nossos negros hão de ter as raízes de lá” (LOBATO, 2005, p. 71).

Sobre isso, Lajolo (1998, p. 4) comenta:

No Brasil, a partir do final do século passado [século XIX], incluem-se entre estes fornecedores de matéria-prima da chamada cultura popular ex-escravos, negros libertos e seus descendentes que, à semelhança de Tia Nastácia e Tio Barnabé, como com justiça proclamaram um *outdoor* da celebração do centenário da abolição.

Em “João e Maria”, tem-se a continuação da história dos dois irmãos que escaparam de ser devorados pela bruxa má. Já crescido, João decide deixar a casa e correr pelo mundo, quando depara com uma princesa amarrada a uma pedra e guardada por um monstro de sete cabeças. Quem salvasse a moça daquela situação se casaria com ela. Depois de derrotar o monstro, João cortou a ponta das línguas dele e levou a princesa ao palácio. Entretanto um negro teve a mesma ideia que ele e ainda chegou antes para com o rei falar. Portanto, sendo o salvador da princesa, o rei decidiu que com o negro a moça se casaria, por mais que ela lhe contasse uma história diferente: “Ninguém acreditou em suas palavras, julgando ser invenção para não casar-se com o negro” (LOBATO, 2005, p. 32). Ao término da história, João surge no reino com as sete pontas das línguas do monstro e casa-se com a princesa, que confirma ser ele o seu salvador. Por sua vez, o negro foi amarrado num burro bem bravo.

Aqui se vê que a princesa se recusa a casar com o negro, porém não fica explícito se é pelo fato de o homem ser da raça negra ou por a princesa não ter gostado dele. Mais adiante, pode-se observar que as crianças associaram o conto a um de Hans Christian Andersen, mas com arranjos do povo, e entendem o ingresso do negro na narrativa como algo natural, afinal esta é contada por uma brasileira e também negra:

– Na versão de Andersen – disse Narizinho – não há negro nenhum [...]. O povo aqui no Brasil misturou a velha história de Joãozinho e Maria com outra qualquer, formando uma coisa diferente [...].

– O tal negro entrou aí – disse Pedrinho – porque no Brasil as histórias são contadas pelas negras, que gostam de enxertar personagens pretos como elas. Lá na Dinamarca Andersen nunca se lembraria de enxertar um preto porque não há pretos. Tudo gente loura (LOBATO, 2005, p. 32).

Em “O macaco, a onça e o veado”, Tia Nastácia descreve a história de uma onça-pintada que, depois de lograr um veado, acaba sendo trapaceada por um macaco. Após a narração, todos no sítio discutem a respeito da presença e do papel de cada animal nos contos

folclóricos. As crianças defendem as ovelhas e os carneiros, que conforme elas só têm utilidade na visão dos homens para virarem comida. Por sua vez, Tia Nastácia confirma que tais animais de fato não servem para outra coisa senão ir para a panela, ideia a que Emília é contrária:

Emília danou.

– Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora! (LOBATO, 2005, p. 52-53).

A maioria das críticas feitas à Tia Nastácia profere-se pela boneca de pano. Por não ser humana, Emília é e não é, ao mesmo tempo, uma criança. Destarte, ela não tem a obrigação de ser educada nem de ter bom comportamento. Logo, Lobato utiliza-a na obra para representar os impulsos reprimidos das crianças, o que provoca em seus leitores imediata identificação: “Não socializada, a boneca diz bem alto os pensamentos mais censurados por todos, age segundo os impulsos normalmente reprimidos, quebra os padrões aceitos” (VASCONCELLOS, 1982, p. 143). De qualquer maneira, os xingamentos de Emília são “absolutamente verossímeis e, portanto, esteticamente necessários numa obra cuja qualidade literária tem lastro forte na verossimilhança das situações e na coloquialidade da linguagem” (LAJOLO, 1998).

Mesmo fazendo muitas críticas à Tia Nastácia e à sua sabedoria popular, no fim de “A onça e o coelho”, Emília elogia as histórias da cozinheira e diz gostar mais dos contos de bichos do que dos de reis. Dona Benta explica que “estas histórias [...] foram criadas pelos índios e negros do Brasil – pela gente que vive no mato. Por isso só aparecem animais, cada um com a psicologia que os homens do mato lhe atribuem” (LOBATO, 2005, p. 57). Narizinho também elogia os contos, pedindo: “Tia Nastácia só deve contar histórias assim. Das outras, de príncipes, estou farta” (LOBATO, 2005, p. 57).

Nesse trecho, tem-se a certeza de que Monteiro Lobato valoriza a cultura popular brasileira, iniciada pelos povos indígenas que habitavam o país e mesclada com a cultura africana, trazida ao Brasil pelos escravos. O escritor, por intermédio da personagem Narizinho, ainda insinua que as crianças devem estar cansadas das histórias de reis e princesas – oriundas da Europa –, as quais eram até então as únicas a que os brasileirinhos tinham acesso.

Ao término de “O doutor Botelho”, as personagens logo reconhecem o conto como uma versão de *O gato de botas*, de Charles Perrault, porém muito mais ingênua, como afiança Narizinho. Emília, ao complementar o pensamento, diz que a tradução de Tia Nastácia foi “bem malfetinha” (LOBATO, 2005, p. 59), pois tudo na história é do Brasil, como o macaco e as bananas, mas o rei do conto “aparece sem mais nem menos, está idiota. Não há reis por aqui. Em todo caso serve. Que se há de esperar da nossa pobre gente roceira?” (LOBATO, 2005, p. 59).

Em “O jabuti e a caipora”, as crianças ficam curiosas a respeito de quem é caipora, tendo em vista que até então nunca haviam ouvido falar em tal ser. Dona Benta explica que ela “é um dos monstros inventados pela imaginação da nossa gente do mato [os índios – explicitado anteriormente na mesma obra] [...]. Se querem saber como é a caipora, perguntem ao Tio Barnabé. Só negro velho entende bem isso” (LOBATO, 2005, p. 64). Desse modo, fica evidente que para Lobato quem conhece as coisas derivadas do Brasil é o povo que construiu o país, ou seja, os índios e os negros.

No término do último capítulo da obra, depois de tantas histórias folclóricas, as crianças resolver ir dormir. Nesse momento Narizinho diz que, estando farta de várias histórias do povo, não as quer mais e que, a partir de agora, só quer os contos assinados pelos grandes escritores, pois eles são os artísticos, os literários, de acordo com Dona Benta. Ao expressar esse pensamento, fica claro que Monteiro Lobato entende a importância dos contos populares, entretanto sabe que eles não podem ser considerados literatura, pois passam de boca em boca; não contêm registros escritos. Talvez exatamente nesse ponto está a magia dos contos populares.

## Conclusão

A literatura infantil tem como função a formação da criança; ela dá conta de uma tarefa voltada à cultura, e não apenas ao caráter pedagógico, além de propiciar elementos para a emancipação pessoal, finalidade implícita do saber (ZILBERMAN, 1998). Assim sendo, Monteiro Lobato tem sido referência literária em sala de aula, sobretudo na educação básica, como modelo de literatura infantil que expõe facetas identitárias representativas da cultura brasileira. Porém, por alguns acreditarem que determinadas obras suas têm caráter discriminatório em relação aos negros, querem vetar o livro *Caçadas de Pedrinho* do currículo escolar. Conforme Masson, Maia Júnior e Turrer (2010), ficar sem o pai da literatura

infantil brasileira é evidentemente ruim para as crianças e proibi-lo torna-se pior ainda para o Brasil. Os autores complementam que as pessoas favoráveis ao veto devem supor que os leitores são desprovidos de senso crítico.

Outro ponto a ser levado em consideração consiste no contexto sociocultural e histórico vivenciado por Lobato, afinal uma obra de arte não deixa escapar a intrínseca relação entre o seu criador e o tempo em que este viveu. De acordo com Lajolo (1998, p. 1),

discutir a representação do negro na obra de Monteiro Lobato, além de contribuir para um conhecimento maior deste grande escritor brasileiro, pode renovar os olhares com que se olham os sempre delicados laços que enlaçam literatura e sociedade, história e literatura, literatura e política e similares binômios que tentam dar conta do que, na página literária, fica entre seu aquém e seu além.

Ademais, o escritor sempre se preocupou com os problemas e se indignou com as mazelas de seu país, bem como sofreu com as dificuldades do povo. “Afirmar o contrário é ignorar a sua obra e o exemplo de sua vida. [...] Rotular Lobato de ‘retrógrado’ [...], além de um insulto à sua memória, revela ignorância e má-fé” (ATHANÁZIO, 2002, p. 32).

Assim, este trabalho pretendeu comprovar se os livros *Caçadas de Pedrinho* e *Histórias de Tia Nastácia* são de fato preconceituosos quanto às pessoas da raça negra, principalmente em relação à Tia Nastácia, figura negra mais emblemática das obras lobatianas destinadas ao público infantil.

Segundo Lajolo (1998), a representação efetiva do negro nas obras escritas por Monteiro Lobato não é muito diferente da solução encontrada na produção de boa parte da intelectualidade brasileira, contemporânea ou não ao criador do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Não se pode esquecer que os livros no centro da polêmica foram escritos por um autor que viveu durante seis anos o período da escravidão no Brasil e que foi influenciado pelas correntes ideológicas da época, como a teoria da evolução das espécies e também a eugenia (Lobato foi contemporâneo a Adolf Hitler, à Segunda Guerra Mundial e ao nazismo).

É impossível negar a cultura daquela época. Boa ou má, ela faz parte da história do Brasil. De qualquer forma, considera-se fundamental que as crianças de hoje conheçam nossa história e se posicionem de maneira crítica diante dela, a fim de que não sejam repetidos os erros do passado.

Precisa-se, entretanto, de professores capacitados e atualizados, sobretudo nas escolas públicas, para trabalhar tais questões com as crianças em sala de aula. Conhecer o passado do

seu país, tanto o lado positivo como o negativo, é o primeiro passo para entendê-lo e modificá-lo.

Mauro Palermo, diretor da editora Globo, discute a censura à obra de Lobato e propõe uma prática de leitura crítica, pois, segundo o autor, se instituiria uma oportunidade para avaliar os preconceitos circulantes na sociedade brasileira. Ele afirma: “Se queremos contribuir para a formação de cidadãos críticos, não devemos fugir de questões polêmicas. Devemos enfrentá-las” (PALERMO *apud* MASSON; MAIA JÚNIOR; TURRER, 2010, *web*).

Embora o MEC tenha vetado o parecer do caso denunciado por Antônio Gomes da Costa, alguns estados, como o Mato Grosso e a Paraíba, chegaram a tirar a obra *Caçadas de Pedrinho* do currículo escolar, não atentando para a possibilidade de ler Lobato associado a um contexto histórico social base estruturante de suas narrativas nem de discutir os valores ideológicos canalizados pelas personagens, o que empobrece a cultura que talvez podemos chamar de genuinamente brasileira.

## **Referências**

ATHANÁZIO, E. **As antecipações de Lobato e outros escritos**. Balneário Camboriú: Minarete, 2002.

CHAVES, E. S. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722003000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000200004)>. Acesso em: 28 dez. 2011.

DINIZ, D. C. B. **Monteiro Lobato e os modernistas: a “vanguarda estética” e a “vanguarda política” no modernismo brasileiro**. 1998. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/\(1998\)10-Monteiro.pdf](http://www.letras.ufmg.br/cesp/textos/(1998)10-Monteiro.pdf)>. Acesso em: 28 dez. 2011.

DIWAN, P. Eugenia, a biologia como farsa. **Duetto**, São Paulo, n. 49, nov. 2007. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia\\_a\\_biologia\\_como\\_farsa\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa_imprimir.html)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

FARIA, L. M. C.; CAGNETI, S. S. Reflexão sobre a obra de Monteiro Lobato: um fator de influência para o prazer da leitura. **Caderno de Pedagogia**, Joinville, v. 6, p. 145-149, out. 2009.

LAJOLO, M. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. 1998. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>>. Acesso em: 7 fev. 2011.

\_\_\_\_\_. Características do autor: uma obra de combate, uma experiência de liberdade. In: ROCHA, R.; MARANHÃO, R.; LAJOLO, M. **Monteiro Lobato**. São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura comentada.)

LOBATO, J. B. M. **Caçadas de Pedrinho**. Ilustrações de Paulo Borges. 3. ed. São Paulo: Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Histórias de Tia Nastácia**. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MASSON, C.; MAIA JÚNIOR, H.; TURRER, R. Monteiro Lobato merece ser censurado? **Época**, 6 nov. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI185574-15220,00.html>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

MONTEIRO LOBATO: o escritor e o homem. Entrevista. Belo Horizonte: Centro de Educação Permanente, 1982. v. 2. (Série Cadernos de Educação e Cultura.)

NIGRI, A. Monteiro Lobato e o racismo. **Bravo!**, São Paulo, n. 165, maio 2011. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/monteiro-lobato-e-o-racismo#image=165-caparacismo-1-g>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

O GLOBO. **Conselho de Educação quer banir livro de Monteiro Lobato das escolas**. 29 out. 2010. Disponível em: <<http://brasilpaisdetolos.blogspot.com/2010/10/governo-quer-vetar-livro-de-monteiro.html>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

PERROTTI, E. Lobato: o direito e o avesso. 1982. In: VASCONCELLOS, Z. M. C. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

PINHO, A.; NUBLAT, J. Conselho de Educação quer vetar livro de Monteiro Lobato das escolas. **Folha de S. Paulo**, 2010. Disponível em: <<http://brasilpaisdetolos.blogspot.com/2010/10/governo-quer-vetar-livro-de-monteiro.html>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

SOUSA, R. Revolução de 30. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/revolucao-30.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2011.

VASCONCELLOS, Z. M. C. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982.

WIKIPÉDIA. **Monteiro Lobato**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro\\_Lobato](http://pt.wikipedia.org/wiki/Monteiro_Lobato)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Tia Nastácia**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tia\\_Nast%C3%A1cia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Nast%C3%A1cia)>. Acesso em: 16 dez. 2011.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998. (Coleção Educação e Pedagogia.)

Data de recebimento: 03 de maio de 2016.

Data de aceite: 20 de agosto de 2016.